



Ali Kamel

7 de agosto de 2017 ·



Conheci o França em 1982, na Radio Jornal do Brasil. Ele era então vendedor das belas edições da Nova Aguilar. Ia de redação em redação, com aquela simpatia. Eu era freguês, no IFCS, de outro vendedor, o Gonçalo, mas não resisti ao França. Gonçalo me perdoou, ele vendia mesmo nas faculdades, e França era o rei das redações. Aos poucos, França passou a vender livros de todas as editoras. Sua chegada nas redações era uma festa. Era também um bom crítico, aconselhando a comprar este ou aquele livro. Contava histórias, ouvia histórias, tinha um sorriso largo, mas tímido, talvez temendo ser repreendido pelas chefias (medo que nunca se concretizou). Boa parte dos livros que li veio do França. Eu me tornei um admirador, um amigo. França era daquelas pessoas especiais. Ele me telefonava às vezes, conversávamos, me contava da vida, das alegrias, dos apertos, mas sempre se despedia sorrindo. Nos últimos anos já não conseguia dar conta do peso dos livros, era ajudado pelo filho. Com 35 anos de profissão, olho para trás e me orgulho de ter feito muitas amizades. França, morto no último sábado, ocupa e vai sempre ocupar um lugar especial nessas minhas memórias. À família, minha solidariedade.



170

34 comentários

Curtir

Comentar